

A SEMÂNTICA DE GRAU EM PB

QUADROS GOMES, Ana Paula
 Universidade Federal do Rio de Janeiro / Departamento de Vernáculas
 anaquadrosgomes@letras.ufrj.br

Resumo: Intensificadores tomam adjetivos de grau como argumento. *Muito* e *bem* apresentam condições de verdade distintas. Se o tamanho de um resumo excede o limite máximo estipulado, ele é “muito grande para submeter”, mas não #“bem grande para submeter”. “Um balde bem cheio” precisa estar completo, mas um “muito cheio” pode estar pela metade, desde que contenha mais água que o parâmetro. *Muito* produz sintagmas de parâmetros relativos e requer disjunção entre os graus comparados. *Bem* requer por parâmetro um hiperônimo do argumento do AG. Isso “protege” os sintagmas com *bem* dos efeitos da manipulação contextual e aproxima seu parâmetro do tipo absoluto. *Bem* requer que os graus comparados se sobreponham. Em inglês, o tipo da escala e o parâmetro de cada adjetivo de grau (AG = adjetivo que pode ser intensificados: ‘alto’/ ‘muito alto’) determina qual intensificador poderá modificá-lo (cf. Kennedy e McNally, 2005). *Bem* e *muito* intensificam quaisquer AGs. Propomos que aquilo que, em inglês, determina a seleção do argumento do intensificador, em Português Brasileiro (PB), determina a natureza do sintagma complexo resultante da intensificação. Postulamos um parâmetro semântico que distingue a semântica de grau do inglês da semântica de grau do PB.

Palavras-chave: Parâmetros semânticos; Adjetivos de grau; Intensificadores; Sintagma nominal.

1 Escalas e a distribuição complementar de intensificadores em inglês

Examinando um corpus de adjetivos de grau (AGs) participiais do inglês, Kennedy e McNally (2005) detectaram uma distribuição complementar entre os advérbios de intensidade *much*, *very* e *well*. Cada um deles intensifica um conjunto distinto de AGs. A título de ilustração: ‘surprised’ só pode ser intensificado por ‘very’ (‘a very/??well/??much surprised face’); ‘praised’, apenas por ‘much’ (‘the much/??well/??very praised school’); e ‘educated’, somente por ‘well’ (‘those who were not well/??very/??much educated’). Não havendo uma razão sintática para tais fatos, já que todos esses intensificadores ocupam as mesmas posições, os autores desenvolvem uma explicação semântica. A proposta é que cada intensificador modifica um dos tipos lógicos de escala e/ou de parâmetro que um AG pode apresentar. ‘Very’ intensifica apenas AGs de escala aberta e de parâmetro relativo; ‘much’ intensifica apenas AGs de escala fechada na ponta inferior e de parâmetro absoluto; e ‘well’ opera exclusivamente sobre AGs de escala fechada na ponta superior e de parâmetro absoluto.

Na proposta, tipos de escala e parâmetro são universais: dão conta dos AGs em qualquer língua. Realmente, segundo verificamos em trabalho anterior, os AGs do PB

apresentam exatamente as escalas e parâmetros de suas “traduções” em inglês¹. Apresentamos a seguir, brevemente, essa semântica de graus.

AGs denotam uma função de medida de certa propriedade ou dimensão do indivíduo. ‘Grande’ (ou ‘pequeno’) leva seu argumento a um grau na escala de TAMANHO. Uma escala é uma sucessão de graus de valores positivos, ordenados em sentido crescente, como numa régua. Se ‘grande’ (ou ‘pequeno’) toma como argumento certo sapato, então esse sapato é levado ao grau correspondente ao seu TAMANHO na escala: tratando-se de um número 38, esse é o grau que ele vai receber na escala. Sapatos de número menor (nº 35, por exemplo) receberão graus inferiores; um nº 42 será levado a um grau mais alto; e assim por diante. Mas saber o grau da propriedade do argumento do AG ainda não é suficiente para decidir se a predicação é verdadeira: um mesmo sapato, de nº 38, será pequeno para Laura, que calça 39, e grande para Júlia, que calça 35. Fica evidente que um ‘sapato grande’ exhibe um grau de TAMANHO maior que o do pé considerado; e um ‘sapato pequeno’ exhibe um grau de TAMANHO inferior ao do pé considerado. Isto é, ‘grande’ e ‘pequeno’ operam na mesma escala, mas exigem ordens relativas inversas entre o grau de TAMANHO do pé e o do sapato. Para dar conta da ordem relativa que define se o sapato em questão será ‘grande’ (ou ‘pequeno’), a teoria postula um operador coberto, não-vozeado, chamado de *pos*, que faz o mesmo trabalho que ‘mais’/‘menos’ em estruturas comparativas como ‘este sapato é menos/mais longo que o meu pé’: *pos* especifica a ordem relativa requerida pelo AG. Os AGs de escala aberta requerem que os graus comparados sejam distintos (um sapato 38 não é nem ‘grande’ nem ‘pequeno’ para um pé 38).

Acabamos de descrever uma escala aberta. É uma escala em que uma ponta do segmento é fixada pelo grau do argumento do AG, mas a outra ponta é variável. A mesma sentença, ‘o sapato é grande’, será falsa se pensarmos num pé 42, mas verdadeira se pensarmos em alguém que calce 35. Isso ocorre porque nada numa sentença como ‘o sapato é grande’ determina qual o pé que o servirá como segundo termo da comparação. O falante pode escolhê-lo livremente no contexto. Esse é o chamado “parâmetro relativo”: a verdade da predicação de um AG de parâmetro relativo vai variar com alterações no contexto, pois dele provém o segundo termo da comparação. Todo AG de escala aberta é também um AG de parâmetro relativo.

O parâmetro de comparação é chamado de absoluto se é informado por uma propriedade ou dimensão inerente ao argumento do AG. Por exemplo, se insistirmos em colocar 160 ml de café numa xícara que comporte 150 ml, o café vai derramar. Uma vasilha não pode segurar um conteúdo maior do que aquele que pode reter. Para saber se a xícara está ‘cheia’, comparamos o seu grau de preenchimento, na situação em exame, com sua capacidade máxima de OCUPAÇÃO. Ora, essa capacidade é uma propriedade inerente ao indivíduo e permanecerá inalterada por mais que o contexto de enunciação varie. O parâmetro absoluto é fixo.

Consequentemente, a ponta fechada de uma escala requer completa coincidência entre o grau da propriedade apresentado pelo argumento do AG na situação relevante e o grau fixado como parâmetro. Uma xícara com conteúdo até a metade nem está ‘cheia’ nem ‘vazia’. Uma xícara vazia está destituída de conteúdo – o grau de OCUPAÇÃO apresentado por ela tem de ser igual ao do parâmetro: zero. Um vasilhame não pode conter menos que nada. OCUPAÇÃO é, pois, uma escala fechada nas duas pontas.

Há escalas fechadas apenas numa ponta. Um lençol completamente destituído de umidade está ‘seco’. Esse AG, como ‘vazio’, requer que o grau da propriedade exibido pelo seu argumento seja igual ao do parâmetro: zero de UMIDADE. A outra ponta da escala é

¹ Para acompanhar a aplicação dos testes de Kennedy e McNally (2005) aos AGs do PB, remeto o leitor a Quadros Gomes (2008, 2010).

mais flexível: o lençol será considerado ‘molhado’ caso apresente qualquer grau positivo de UMIDADE, seja 5% ou 95%. O único parâmetro é o grau zero de umidade: ‘seco’ exige que seu argumento esteja com o mesmo grau do parâmetro (nenhum outro serve), e ‘molhado’ requer que o grau exibido pelo seu argumento seja distinto do parâmetro (qualquer grau de UMIDADE distinto de zero serve). Essa é uma escala fechada numa única ponta, e, como toda escala fechada, tem parâmetro absoluto.

Segundo Kennedy e McNally (2005), os intensificadores do inglês são especializados: selecionam exclusivamente certo tipo de escala e de parâmetro. Isso explica por que ‘very’, ‘much’ e ‘well’ modificam cada um dado conjunto de AGs, estando em distribuição complementar.

2 Intensificação em Português Brasileiro (PB)

Se os intensificadores do inglês são especializados, o que se nota é que ‘bem’ e ‘muito’ modificam quaisquer tipos de escala e parâmetro:

- (1) Este sapato está bem/ muito grande (/pequeno) para Maria.
- (2) A xícara está bem/ muito cheia (/vazia).
- (3) O lençol está bem/ muito seco (/úmido).

Isso poderia ser interpretado de dois modos: (i) indicando que a semântica de graus proposta por Kennedy e McNally (2005) não é universal; ou (ii) significando que as propriedades descritas influem num ponto da sintaxe da intensificação em PB distinto do ponto em que influi em inglês, configurando um parâmetro semântico. Esta última é a nossa hipótese de trabalho.

Assume-se em geral que os intensificadores “aumentam” o grau da propriedade exibido pelo argumento do AG: se um sapato 38 pode ser considerado ‘grande’ para quem calça 37, é discutível que se possa dizer desse mesmo sapato que está ‘muito grande’ ou ‘bem grande’, nas mesmas circunstâncias. Um sapato de nº 42, sim, é melhor candidato a ser descrito como ‘muito grande’ ou ‘bem grande’ para um pé 37.² Nas próximas seções, argumentaremos que a impressão de uma completa sinonímia entre ‘bem’ e ‘muito’ é mera ilusão.

3 A semântica de ‘muito’

Já comentamos que uma xícara de café pela metade não se qualifica nem como ‘cheia’ nem como ‘vazia’. Isso porque, como toda ponta fechada de escala, ‘cheio’ exige a coincidência do grau do indivíduo na situação relevante com o do parâmetro absoluto (que é o limite máximo de OCUPAÇÃO de seu argumento), tal como faz ‘vazio’ (aqui, o parâmetro absoluto é o grau zero de OCUPAÇÃO do argumento). Se o intensificador aumenta o grau da propriedade, seria de esperar que ‘muito cheio’ pedisse um grau de OCUPAÇÃO acima de 100%, ao passo que ‘muito vazio’ requeresse um grau de OCUPAÇÃO abaixo de 0%. Ambas as suposições são logicamente impossíveis. Vamos ver o que realmente significa a intensificação de ‘cheio’ e de ‘vazio’ por ‘muito’.

O cenário considerado é o seguinte: João tem gastrite e, para evitar a azia que o acomete quanto toma café preto, tem por hábito misturar duas medidas de leite para cada medida de café. Quando a dona da casa que visita lhe oferece um cafezinho, pede leite. Ela

² Sobre a relação entre intensificadores e AGs, ver Foltran (2007).

lhe serve meia xícara de café; vendo que agora já não tem $2/3$ da xícara disponíveis para alcançar a proporção desejada no seu café com leite, ele exclama:

(4) Pronto! A xícara já está muito cheia!

Para a xícara de João ser considerada ‘muito cheia’ de café bastou que ela estivesse mais cheia de café (50%) do que ele desejaria (33%). Na verdade, (4) ilustra o fato de que uma ‘xícara muito cheia’ pode apresentar um grau menor de OCUPAÇÃO que uma ‘xícara cheia’. Tudo mudou: se ‘cheio’ requer que o grau de preenchimento da xícara na situação em exame coincida com o do parâmetro (a máxima capacidade de OCUPAÇÃO da xícara), ‘muito cheio’ só requer que o grau de preenchimento da xícara na situação em exame exceda o do parâmetro, que pode ser, como vimos no exemplo, ditado pela proporção entre café e leite habitual para alguém que sofre de gastrite.

Imaginemos agora que, nessa visita, João está acompanhado da esposa, que adora café e costuma beber um copo americano completado com essa bebida a cada oportunidade. Ao ver que a dona da casa fica constrangida face à queixa de João, ela toma para si a xícara pela metade de café que tinha sido servida para o marido, a quem a outra xícara ainda poderia ser servida ao gosto dele, e pede:

(5) Pode por mais! A xícara está muito vazia para mim!

É evidente que, embora a xícara pela metade não se qualifique como ‘vazia’, ela se presta, no contexto, a ser descrita como ‘muito vazia’. Basta para isso que o grau de conteúdo dela esteja abaixo do parâmetro (no caso, o tanto de café que a esposa de João queria). Logo, uma xícara ‘muito vazia’ apresenta um grau de OCUPAÇÃO diferente de zero, e, por conseguinte, maior que o de uma xícara ‘vazia’.

Portanto, não obstante o AG ‘cheio’ e ‘vazio’ tenham parâmetro absoluto e escala fechada, ‘muito cheio’ e ‘muito vazio’ não têm.

Podemos concluir desses exemplos que é um desacerto descrever a intensificação por ‘muito’ simplesmente como uma ampliação do grau exigido pelo adjetivo sem a intensificação. A operação é de outra natureza. Embora possa intensificar AGs de qualquer tipo de escala ou parâmetro, ‘muito’ não conserva intactas as propriedades do adjetivo que modifica. Seja qual for o tipo de escala e de parâmetro do AG antes da intensificação, o complexo ‘muito’ + AG sempre apresentará parâmetro relativo e escala aberta.

Isso coloca o PB na direção oposta do que se sabe sobre o inglês, língua em que a intensificação mantém as características de escala e parâmetro contribuídas pelo AG que ‘well’ e ‘very’ selecionam; no caso de ‘much’, Kennedy e McNally (2005) dizem que ele toma como argumento uma escala fechada no grau mínimo e devolve uma escala fechada também no grau máximo. Mas não há notícia de um intensificador no inglês que “abra” a escala fechada do adjetivo que toma por argumento, produzindo com ele uma escala aberta.

4 A semântica de ‘bem’

A escala de UMIDADE é fechada numa única ponta. Uma toalha ‘seca’ apresenta grau zero da propriedade; se a toalha apresentar qualquer grau positivo de UMIDADE, não mais será verdade dele que está ‘seca’: ela estará ‘molhada’. Mas, se a verdade de (6) é satisfeita com qualquer grau de umidade distinto de zero, o mesmo não se aplica a (7):

(6) A toalha ainda está molhada!

(7) A toalha está bem molhada!

Se uma toalha posta ao ar livre de manhã ainda apresentar 15% de umidade no início da tarde, uma pessoa pode enunciar (6), para explicar por que não a recolheu do varal. No mesmo contexto, (7) não é adequada. ‘Bem molhada’ não se satisfaz com um grau baixo de UMIDADE: requer um grau elevado da propriedade. Se houver ameaça de chuva, alguém pode usar (8) para levar quem enunciou (6) a recolher a toalha mesmo ela não estando ‘seca’; mas (9) não funciona da mesma forma:

(8) A toalha ainda está molhada, mas se chover vai ficar mais molhada ainda!

(9) #A toalha está bem molhada, mas se chover vai ficar mais molhada ainda!

A sentença (8) pode significar que o grau de UMIDADE da toalha vai aumentar depois de ela tomar chuva, mas a sentença (9) não se presta a isso, porque ‘bem molhada’ significa algo como ‘maximamente molhada’, ou ‘tão molhada quanto uma toalha pode ficar’. Embora os adjetivos ‘seco’/ ‘molhado’ constituam uma escala fechada numa ponta só, ‘bem molhado’ funciona com qualquer ponta fechada de escala (vimos ‘cheio’/‘vazio’), satisfazendo-se com um grau determinado e com nenhum outro.

Isso poderia indicar que ‘bem’ é o correlato de ‘much’; mas, diferentemente de ‘much’, ‘bem’ aceita AGs de parâmetro relativo também. Vejamos que efeito a intensificação por ‘bem’ tem em escalas abertas:

(10) João já está bem grande.

(11) João é bem pequeno para um menino da idade dele!

A sentença (10) não pode significar que João, um menino de sete anos, tem a altura de um prédio de 12 andares; se (10) não serve para expressar que um menino é grande como um gigante de conto de fadas, então foi precipitado dizer que ‘bem’ faz o fechamento da ponta da escala? Então não há em (10) a determinação de um grau máximo na escala de TAMANHO? Há sim, se considerarmos uma restrição: (10) diz que João atingiu o grau máximo de TAMANHO característico de uma pessoa na sua faixa etária. A mesma restrição se faz notar em (11), evidenciada pela expressão ‘para um menino da idade dele’. A sentença (11) diz que João é tão pequeno quanto um menino de sua idade pode ser. Como se explica tal restrição, que atua antes da interpretação de grau máximo ou mínimo, fechando a ponta da escala relativamente à faixa de tamanho apropriada a meninos da idade de João?

Vejamos como pode ser formulada uma objeção da mãe de João ao conselho do marido de que ela deixe de acompanhar seu filho até a porta da escola:

(12) João está pequeno para ir à escola sozinho!

(13) João está muito pequeno para ir à escola sozinho!

(14) #João está bem pequeno para ir à escola sozinho!

O AG relativo não intensificado funciona perfeitamente nesse contexto, pois requer que o grau de TAMANHO de seu argumento (João) seja inferior ao grau de TAMANHO do outro termo da comparação (no caso, o requerido, na concepção da mãe do menino, para que crianças sigam desacompanhadas até a escola). Como defendemos que ‘muito’ produz uma expressão de adjetivação intensificada de parâmetro relativo e escala aberta, as condições de verdade previstas são as mesmas para (12) e (13); e, realmente, as duas sentenças se distinguem apenas pelo fato de que a diferença entre os graus comparados tem de ser mais acentuada em (13) que em (12). Mas (14) é uma sentença menos adequada para expressar o

mesmo conceito de (12) e (13). A interpretação mais saliente para (14) é a de que João apresenta o grau de TAMANHO requerido para ir à escola sozinho (o enunciador, nesse caso, acreditaria que é preciso ser bem pequeno para poder ir desacompanhado ao colégio); isso é o oposto da intenção da mãe no contexto descrito, que queria justamente expressar que julga seu filho com grau de TAMANHO abaixo do mínimo requerido para ir e vir da escola sem a supervisão de um adulto. Com esse sentido, (14) é bastante menos adequada que (13) ou (12). Para explicar isso, vamos citar Rodolfo Ilari.

Em comunicação pessoal³, Ilari observou que ‘Pedro tem os olhos bem verdes’ significa que o tom dos olhos dele é idêntico ao que o falante julga ser o tom ideal de verde para a classe dos olhos. Olhos bem verdes não podem apresentar a tonalidade de verde da mata, nem a de um limão Tahiti. Explorando esse insight, explica-se tanto a restrição notada em (10) e (11) quanto o contraste entre (14), de um lado, e (12) e (13), de outro. ‘Bem’ requer que o parâmetro de comparação tomado seja uma propriedade inerente ao argumento do AG: a de pertencer a uma categoria, a certa classe de indivíduos. No caso do tom dos olhos de Pedro, o grau de ‘bem verde’ tem de coincidir com a nuance típica que essa cor assume para a categoria ‘olhos humanos’, categoria essa que inclui o indivíduo ‘olhos de Pedro’. Aplicando nossa hipótese sobre o tipo de parâmetro requerido por ‘bem’ aos dados (11) e (12), segue que se esteja falando de um grau de TAMANHO máximo para um menino da idade de João. Isso exclui a comparação do grau de TAMANHO do menino com o grau de TAMANHO dos prédios.

Para explicar a inadequação de (14), temos de lembrar que a interpretação desejada requer disjunção entre os graus comparados: a mãe alega que seu filho está de fora da faixa de TAMANHO que ela considera adequada à locomoção não-supervisionada entre a casa e a escola. Retomando o insight de Ilari, ‘bem’ requer coincidência entre o parâmetro e o grau da propriedade exibido pelo argumento; daí a leitura mais natural para (14) ser a oposta. A sentença (15) expressaria perfeitamente o pensamento do pai do menino, de que seu filho já é grande o suficiente para ir sozinho para a escola:

(15) João está bem grande para ir à escola sozinho!

A mãe, na argumentação com o pai, não deveria escolher (14) para discordar dele, porque, se, em (15), João está situado na faixa etária capaz de ir à escola desacompanhada, o requerimento de ‘bem’ induz a interpretar (14) da mesma forma; a diferença é que a faixa etária ideal para dispensar a companhia da mãe em (14) envolveria graus de TAMANHO inferiores à faixa etária tomada como ideal para fazer o mesmo em (15), por termos ‘bem pequeno’ em (14) e ‘bem grande’ em (15), AGs com orientação inversa na mesma escala, a de TAMANHO.

Na próxima seção, vamos explorar sentenças hipotéticas e contrafactuais, para reforçar nossa descrição sobre o funcionamento diverso dos intensificadores ‘bem’ e ‘muito’.

5 ‘Bem’ e ‘muito’ em construções hipotéticas e contrafactuais

Estudos sobre diversos fenômenos semânticos mostram que contextos hipotéticos ou contrafactuais suspendem determinados efeitos semânticos; um bastante debatido na literatura é a factividade de certos verbos. Um verbo factivo pressupõe a verdade da asserção que toma como complemento. Por exemplo, (16) pressupõe (17). Porém, (18), uma

³ Colóquio “Debatendo Semântica Formal com Rodolfo Ilari”. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade de Campinas (IEL-UNICAMP), abril de 2009.

construção hipotética com o mesmo verbo, não pressupõe (17); tampouco (19), sentença em que o mesmo verbo de (16) aparece numa construção contrafactual, pressupõe (17).

- (16) Maria descobriu que João mentia para ela.
- (17) João mentia para Maria.
- (18) Talvez Maria venha a descobrir que João mentia para ela.
- (19) Se Maria descobrir que João mentia para ela, vai romper o namoro.

O que nos interessa não é o cancelamento da pressuposição de existência dos eventos de complementos de factivos em si, mas ilustrar como construções hipotéticas e contrafactuais são contextos especiais, anulando ou enfatizando relações semânticas que se colocam entre proposições. O nosso interesse maior, dado defendermos que ‘bem’ requer que o grau de propriedade do argumento do AG esteja dentro da faixa de graus atribuída à categoria a que o argumento do AG pertence, é explicitar, recorrendo a construções hipotéticas e contrafactuais, se o contexto assumido requer ou não situações em que haja coincidência entre os graus comparados. Nas hipotéticas contrafactuais, que promovem a disjunção entre os graus da propriedade comparados, nossa análise prevê que ‘bem’ seja inadmissível.

Então, vejamos. Digamos que, na opinião do pediatra Pedro, uma criança de até seis meses está nova demais para usar mamadeira e deve ser exclusivamente alimentada ao peito, de leite materno; e, após completar três anos, com dentição completa, a criança deve abandonar definitivamente o hábito de sugar a mamadeira, e passar a usar apenas copos, pratos e talheres em sua alimentação. Maria tem três anos e meio de idade, e o pediatra nota que ela está tomando mamadeira; dirigindo-se ao adulto responsável por Maria, o Dr. Pedro expressa sua desaprovação de maneira indireta, por polidez, enunciando uma das sentenças de (20) a (22):

- (20) Talvez Maria já esteja grande demais para tomar mamadeira. Seria bom se ela parasse de usar.
- (21) Talvez Maria já esteja muito grande para tomar mamadeira. Seria bom se ela parasse de usar.
- (22) # Talvez Maria já esteja bem grande para tomar mamadeira. Seria bom se ela parasse de usar.

Tanto (20) quanto (21) são apropriadas para expressar o pensamento de Pedro de que Maria está fora da faixa etária em que, a seu ver, o uso de mamadeira é normal. Mas (23) não se presta a expressar essa disjunção entre os graus comparados. Isso é o esperado se ‘bem’ requer que o grau do argumento do AG (o da IDADE de Maria) seja coincidente com o grau do parâmetro (neste caso, a idade de Maria teria de ficar dentro da faixa etária tida como boa para uso de mamadeira).

Vamos examinar agora o comentário que o mesmo Dr. Pedro faria, caso visse uma criança, já com dois anos de idade, chamada Luís, ainda se alimentando exclusivamente no peito da mãe. Segundo o pediatra, Luís já devia estar tomando mamadeira há muito tempo. Vejamos como o Dr. Pedro poderia aconselhar a mãe do menino:

- (23) #Talvez Luís já esteja grande demais para tomar mamadeira. Seria bom começar a dar mamadeira para ele.
- (24) #Talvez Luís já esteja muito grande para tomar mamadeira. Seria bom começar a dar mamadeira para ele.

(25) Talvez Luís já esteja bem grande para tomar mamadeira. Seria bom começar a dar mamadeira para ele.

Como se nota, a adequação das sentenças se inverteu, porque agora a idade de Luís precisa obviamente estar incluída na faixa etária dos usuários de mamadeira. ‘Bem’ (25) é o intensificador perfeito para promover essa sobreposição entre os graus comparados, mas ‘demais’ (23) e ‘muito’ (24) não são capazes de expressar essa conjunção de graus, porque produzem uma comparação em que os graus comparados ficam sempre disjuntos.

Observe-se que a relação entre “tomar mamadeira” e ter a idade do argumento do AG é contrafactual de (20) a (21): Pedro quer justamente mostrar que Maria não deve usar mamadeira). Mas a mesma relação já não é contrafactual de (23) a (25), quando o Dr. Pedro está aconselhando a mãe de Luís a introduzi-lo no uso da mamadeira. A posição do pediatra opera a disjunção entre os graus comparados quando ele fala de Maria, mas a conjunção entre os graus comparados quando o assunto é Luís.

6 Conclusão

Esperamos ter mostrado que é falsa a aparente sinonímia entre os intensificadores ‘bem’ e ‘muito’. Ela não se mantém em contextos em que a interpretação semântica exige exclusivamente ou coincidência ou disjunção entre os graus comparados. A sinonímia também não resiste a contextos nos quais o parâmetro de comparação não é um hiperônimo do argumento do AG. O produto da intensificação de ‘bem’ tem condições de verdade diferentes do produto da intensificação por ‘muito’.

Defendemos que ‘muito’ e ‘bem’ requerem parâmetros de naturezas distintas e produzem relações diversas entre os graus comparados. ‘Bem’ exige que o parâmetro de comparação seja uma categoria à qual o argumento do AG pertença e que os graus comparados se sobreponham. Essas são características das pontas fechadas de escalas fechadas, aplicando-se, por exemplo, aos AGs ‘cheio’ e ‘vazio’. Daí ser lícito classificar ‘bem’ como o produtor de um sintagma adjetival intensificado de escala fechada e de parâmetro absoluto. Por outro lado, o parâmetro de ‘muito’ pode livremente ser provido pelo contexto, e, como ‘muito’ requer uma ordem relativa entre os graus comparados (‘muito cheio’ significa mais cheio que o parâmetro de comparação, e ‘muito vazio’ significa o inverso: menos cheio que o parâmetro de comparação), o grau do argumento do adjetivo e o do parâmetro só podem ficar disjuntos. Logo, ‘muito’ produz sintagmas adjetivais intensificados com as mesmas características dos AGs (não-intensificados) de escala aberta e parâmetro relativo.

Nossa proposta sustenta que o tipo lógico das escalas (abertas ou fechadas) e a natureza do parâmetro (relativo ou absoluto) são determinantes nas operações de intensificação. Não há, nos dados do PB, conflito com os universais linguísticos propostos por Kennedy e McNally (2005) para a semântica de graus. A diferença entre o PB e o inglês se resume ao ponto da semântica da intensificação em que esses universais influem. Em inglês, os intensificadores selecionam os AGs sobre os quais operam segundo a natureza dos parâmetros e os tipos de escalas desses AGs. Em PB, ‘bem’ e ‘muito’ não são seletivos: podem modificar AGs com qualquer tipo de parâmetro e estrutura de escala. Porém, o produto da modificação por ‘bem’ tem necessariamente escala fechada e parâmetro absoluto, enquanto o produto da modificação por ‘muito’ tem necessariamente escala aberta e parâmetro relativo. A complementaridade que se observa em inglês no que tange à distribuição dos intensificadores por grupos de AGs se revela em PB no que tange ao produto da intensificação dos intensificadores: o tipo de sintagma adjetival intensificado produzido por ‘bem’ não é o mesmo tipo produzido por ‘muito’.

Referências bibliográficas

FOLTRAN, Maria José. **A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e eventos**. Texto para debate do evento Nos domínios do verbo. Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, Curitiba, v. 1, 2007. p. 12-13. Disponível em: <http://www.pgletras.ufpr.br/eventos/docs_eventos/Maria_Jose_Foltran.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2009.

KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. **Language** **81**, 2005. p. 345-381.

QUADROS GOMES, Ana. **Tipos de Adjetivo em PB**. Trabalho apresentado no I Simelp: Simpósio Internacional de Estudos de Língua Portuguesa – SLP 36. São Paulo: Universidade de São Paulo, Brasil. 2008. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/slp36/03.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

QUADROS GOMES, Ana. The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: LIMA, Suzi (Ed.) **Proceedings of Sula V: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas**. UMOP 41. Amherst, Massachusetts, USA: GLSA (Graduate Linguistics Students' Association) / Department of Linguistics / South College University of Massachusetts. 2011. p. 49-66.